

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DISCUSSÕES SOBRE O PANORAMA HISTÓRICO E GÊNERO LITERÁRIO E SUAS CARACTERÍSTICAS. PRODUÇÃO LITERÁRIA. A PRÁTICA DA LEITURA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

Ricardo Santos DAVID¹

Resumo: Através de uma visão objetiva de como se encontra a literatura brasileira na atualidade, é possível verificar que atual crise literária somente pode ser combatida se conhecermos o gosto dos pré-adolescentes e mudarmos nosso relacionamento com os alunos, no que se refere ao estímulo da leitura. Esse estudo tem como objetivo, tratar da literatura infanto-juvenil na contemporaneidade, demonstrando os desafios enfrentados pelos docentes, na aplicabilidade do “gosto pela leitura” na prática escolar e na vida das crianças e adolescentes dos dias atuais. Para realização desse estudo, utilizei-me de pesquisa bibliográfica e exploratória, demonstrando como a escola pode contribuir para a formação de leitores que leiam por prazer e satisfação. Buscando abordar o assunto desde a vertente histórica até a contemporaneidade refletindo sobre possíveis soluções a dificuldade de introduzir a leitura na vida do público infanto-juvenil.

Palavras-Chave: literatura; infanto-juvenil; livros.

INTRODUÇÃO

Ao se tratar da literatura infanto-juvenil, é comum que já consideramos livros direcionados a uma faixa etária exclusiva, que envolva a passagem da criança para o adolescente. Mesmo nessa razão, pode-se dizer que a literatura para o público infantil e adolescente é capaz de lapidar o imaginário humano e auxiliar a compreensão e a resolução dos conflitos internos que parem em cada indivíduo.

Considerando que a literatura infanto-juvenil está em crise de valores, conceitos e funções, é relevante que haja uma pesquisa direcionada, almejando percorrer teoricamente a trajetória da literatura para crianças e adolescentes, considerando sua origem histórica, seus conceitos em um contexto pedagógico e mercadológico. Sabendo-se da necessidade do incentivo da literatura para crianças e adolescentes nos dias atuais, existem várias vertentes que dificultam esse procedimento dentro das escolas, onde deveria ser o campo

¹ Mestrado em Educação pela Uniatlantico – Espanha. Especialista em linguística e literatura. Professor de língua portuguesa e inglesa para o ensino fundamental I e II.

de maior estímulo para esses leitores principiantes. Além disso, muitos fatores têm contribuído para que haja inúmeras discussões a respeito do assunto, tanto no Brasil como no mundo. O estímulo a leitura, vem do “criar gosto pelos livros” e para isso, precisam existir obras literárias que atendam as expectativas dos leitores infanto-juvenis.

Esse estudo tem como objetivo tratar da literatura infanto-juvenil na contemporaneidade, demonstrando os desafios enfrentados pelos docentes, na aplicabilidade do “gosto pela leitura” na prática escolar e na vida das crianças e adolescentes dos dias atuais. Um mundo tecnológico tem tirado o foco dos livros, no entanto, sabendo da relevância da leitura para esse público infanto-juvenil, é imprescindível realizar estudos que incentivem a solucionar esses problemas. Contribuindo de maneira criativa para despertar crianças e adolescentes para que busquem a leitura por si só. Não por obrigação, mas por prazer e interesse próprio.

Para realização desse estudo, utilizei-me de pesquisa bibliográfica e exploratória, buscando abordar o assunto desde a vertente histórica até a contemporaneidade refletindo sobre possíveis soluções a dificuldade de introduzir a leitura na vida do público infanto-juvenil.

HISTÓRICO: LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL E NO MUNDO

A literatura infantil teve origem no século XVII com Fenélon (1651-1715), com o intuito de educar moralmente as crianças. Nessa época as histórias continham informações maniqueísta que tinham como objetivo transmitir aos leitores o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. As histórias tinham objetivos sociais e eram escritas com o simples fundamento de ensinar as crianças através dos contos e relatos, que faziam com que as crianças se encontrassem naquela história e sentissem-se motivadas a ser como aqueles personagens, que funcionavam como modelo de vida para aqueles leitores. Em 1697, Charles (1628- 1703) Perrault trouxe ao público Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mão Gansa. Ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar (SILVA, 2009).

Com o passar dos tempos, a mesma visão e interesse passou a ser transmitida aos adolescentes, quando então se originou as histórias infanto-juvenis, em meados de 1750. Conforme Cunha (1987 p.20), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. No Brasil, a literatura

infanto-juvenil teve início com Monteiro Lobato, e desde então, vem sendo permeada de preconceitos, rótulos e banalizações acerca de sua importância, função pedagógica e/ou artística, entre outras eventuais questões. Segundo Candido (1995 p. 245) “toda obra literária é antes de tudo uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção”.

A IMPORTÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Conforme Colner (2000 p. 29)

Assim, apesar do reconhecimento espontâneo da afirmação, ler é entender um texto, a escola contradiz, com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades que supõe que mostrarão aos meninos e às meninas como REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM || v. 2 - n. 2 - jul/dez - 2009 www.univem.edu.br 144 Centro Universitário Eurípides de Marília UNIVEM se lê, mas nas quais, paradoxalmente, nunca é prioritário o desejo de que entendam o que diz o texto.

De acordo com a autora, os indivíduos que não dominam a prática da leitura consciente e significativa não são capazes de se comunicar com eficiência dentro da sociedade. Quanto mais acesso a língua escrita os alunos do ensino fundamental tiverem, mais preparados eles ficaram para enfrentar os desafios na aprendizagem e mais estimulados serão para a interpretação de assuntos diversos e para melhorar a própria escrita, expressão e desenvolvimento cognitivo e emocional.

Colner (2000 p. 124) destaca que:

O acesso à língua escrita também tem consequências no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, pois as mensagens escritas podem ser analisadas e confrontadas com nossas ideias ou com as de outros textos. Isso favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano, pois permite transformar as interpretações da realidade feitas por outros, ou mesmo por nós, em algo material e articulado que pode ser desfrutado, contrastado, conceitualizado e integrado em nosso conhecimento do mundo.

Nesse contexto Foucambert (1994) considera a deficiência do indivíduo que não lê, de acordo com as concepções de leitura apontadas nessa pesquisa, em sua atuação dentro de uma sociedade democrática e seletiva. Segundo o autor, a escola e a sociedade continuam preparando as crianças e os adolescentes, como se algo fosse realmente acontecer, não naquele momento palpável para os estudantes, mas num futuro que, em geral, é impossível de ser visualizado pelos próprios alunos, reiterando:

A escola, em consonância com a sociedade, atribui à criança o estatuto de tutelado, de irresponsável. É claro que, para aprender a falar, ela deve falar; mas o que diz não tem importância. Para aprender

a escrever, deve escrever; mas o que escreve não serve para nada. Suas produções serão vistas com simpatia, como garantia de sua futura eficácia e como incentivo para que prossiga; basicamente, porém, o que ela produz não pode mudar nada no presente – o que é normal, pois são produções de alguém que ainda não age, por estar aprendendo a agir.

Silva (2009) ao retratar essa questão nos alerta ao fato de que a escola precisa enxergar os alunos como cidadãos, uma vez que se nem a escola, nem a sociedade os veem como cidadãos, como eles próprios poderão ver-se assim.

O mesmo pensamento é dado por Coutinho (1978) que considera que a leitura literária auxilia o aluno no descobrimento do mundo e, conseqüentemente, em sua atuação social, em sua formação como cidadãos e membros de uma sociedade.

Logo Coutinho (1978) nos transmite a visão de que se a leitura tem seu papel na escola e na sociedade, ela tem também seu papel na formação do indivíduo atuante e transformador da realidade social. Silva (2009 p. 145) em comentário junto à visão desses autores destaca que a “escola precisa parar de “preparar” os alunos e começar a trabalhar de forma a colocar os estudantes nos lugares que lhes são de direito: agentes transformadores da sociedade”. Nesse contexto Silva (2009 p. 145) aborda que:

É dever de a escola promover o encontro do aluno com os diversos portadores de texto e primar pelo bom relacionamento entre eles, para que atividades de leitura e escrita sejam bem recebidas dentro da sala de aula e apresentem frutos fora do ambiente da instituição escolar.

Por isso é responsabilidade da escola, ir de encontro à necessidade de formar alunos melhores, dentro de um contexto social. Se para isso a literatura é uma ferramenta eficiente, então a escola deve estimular esse envolvimento das crianças e adolescentes com os livros e a leitura, garantindo que eles sintam-se motivados a ler e buscar cada vez mais conhecimento e informação através da leitura.

FORMANDO LEITORES E CRIANDO HÁBITO DE LEITURA

O único meio de envolver os alunos na literatura e motivá-los a serem leitores é realizar atividades pedagógicas que despertem esse interesse nos alunos. Autores como Kaufman e Rodríguez (1995 p. 3) ao retratar sobre esse assunto destacam que:

[...] os professores devem propiciar um encontro adequado entre as crianças e os textos. Se alguns alunos chegassem a ser escritores graças à intervenção escolar, a missão do professor estaria cumprida com lucro. Caso isso não ocorra, é dever indubitável da escola que todos que ingressem de suas aulas sejam “pessoas que escrevem”, isto é, sejam pessoas que, quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia.

Muitas vezes a interpretação em relação a esse assunto, parte do pressuposto que o desejo é de formar profissionais na escrita, como escritores, poetas, revisores, etc. No entanto, não é esse papel que se almeja através da escola, mas sim garantir os direitos de seus alunos de saírem do âmbito escolar com as competências leitora e escritora (SILVA, 2009). Conforme Jolibert (1994 p. 14):

É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para poder ler depois: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre “aprender a ler” e “ler”. Colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer), cada criança mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar novas estratégias para concluir a tarefa. [...] Não se ensina uma criança a ler: ela é quem se ensina a ler com a nossa ajuda (e a de seus colegas e dos diversos instrumentos da aula, mas também a dos pais e de todos os leitores encontrados).

Na realidade, entende-se que não existe outro meio de estimular a leitura nos alunos em idade escolar, a não ser fazendo-os ler. Segundo Frank Smith (1999 p. 15) “a leitura não pode ser ensinada, mas, apesar disso, os professores e outros adultos têm um papel decisivo a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura”. Existe apenas um caminho para que as crianças e adolescentes conquistem o hábito da leitura. Colocando-os diante dos livros, da informação, das histórias. Pois somente assim haverá interesse e somente através desse interesse se conquistará o hábito por ler e conseqüentemente, por escrever, interpretar e formar-se alguém melhor, com base no conhecimento adquirido através da leitura. Logo, o papel do professor é essencial na formação de um leitor e escritor competente, sendo ele um modelo, um mediador, facilitador ou leitor/escritor mais experiente (SILVA, 2009).

DIFICULDADES EM TRABALHAR A LITERATURA NAS AULAS DE PORTUGUÊS NO BRASIL

A literatura brasileira vem passando por uma crise, que permeia os fatos históricos nesse contexto desde a década de 70, no entanto, quanto mais o tempo passa. Mais a literatura infanto-juvenil vem passando por dificuldades dentro do contexto pedagógico e mercadológico. Pois com o avanço da tecnologia, a visão do público infanto-juvenil tem se voltado à internet e suas vertentes, deixando de lado os livros, as histórias e até mesmo os personagens que por muito tempo, fizeram parte do desenvolvimento das crianças e adolescentes no Brasil e no mundo. Conforme Moisés (2000 p. 345):

Os problemas atuais [...] da literatura decorrem da situação incerta em que se encontra a própria literatura neste fim de século, época que se convencionou chamar de pós-moderna. No momento

atual, a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos. (p. 345)

Segundo Silva (2009) a literatura está em crise, principalmente pela dúvida que paira em relação à própria literatura em questão. O problema está no contexto mercadológico e o caráter pedagógico na atualidade.

De acordo com o Sodre (19850), a literatura infanto-juvenil é considerada uma literatura de massa, de menor qualidade, produzida em grande escala e pouco elaborada, pois o que o mercado deseja, nesse âmbito, é a venda e o consumo, a quantidade, não a qualidade.

É importante ter em mente o seguinte: o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em sua produção, mas inclui necessariamente o consumo. Em outras palavras, para ser “artística”, ou “cultura”, ou “elevada”, uma obra deve também ser reconhecida como tal. Os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico assim são institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a produção. A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado. A diferença das regras de produção e consumo faz com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos (SODRE, 1985 p. 6)

O que acontece é que a literatura infanto-juvenil perdeu o interesse social, onde a moral da história auxiliaria no desenvolvimento da personalidade daquele leitor, interpretando entre o bem e o mal, o certo e o errado. Atualmente existem muitos livros sem qualidade no mercado, e que são oferecidos ao público infanto-juvenil através de marketing, que despertam o interesse pela publicidade que envolve aquele livro. Não pelo seu conteúdo. Silva (2009) destaca que no mercado atual, encontram-se livros de péssima qualidade em impressão, ilustrações fora de contexto e também sem qualidade viável ao leitor e, principalmente, falhas no diz respeito ao conteúdo.

Chega a ser difícil estimular a leitura quando se tem temas piegas e textos empobrecidos em busca do consumo desenfreado do mercado atual, que muitas vezes não procura a qualidade, mas sim um produto qualquer (SILVA, 2009). É como se não tivéssemos o que oferecer aos alunos, acrescenta a autora.

AUTORES DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil brasileira é formada por 167 autores. No entanto, alguns autores se destacam na literatura infanto-juvenil brasileira, como por exemplo:

Vinicius de Moraes – poeta lírico que ficou conhecido pelo seu romantismo e seus sonetos. O qual teve uma morte marcante para todos os apreciadores de suas obras “Na noite de 9 de julho de 1980, acertando detalhes com Toquinho sobre as canções do álbum “Arca de Noé”, Vinicius alegou cansaço e que precisava tomar um banho. Na madrugada do dia seguinte Vinicius foi acordado pela empregada, que o encontrara na banheira de casa, com dificuldades para respirar” (SOUZA, 2015)

Mauricio de Souza – maior cartunista brasileiro voltado para o mundo infanto-juvenil, mas que agrada também os adultos e criador da famosa “Turma da Mônica”. Mauricio nasceu no dia 27 de outubro de 1935, em Santa Isabel, São Paulo, filho do barbeiro Antônio Mauricio de Sousa e da poetisa Petronilha Araújo de Sousa e deve ter herdado de sua mãe o gosto pela arte (SINOPSE, 2016)

Monteiro Lobato – Contista, ensaísta e tradutor. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô quando passou publicar seus primeiros contos em jornais e revistas. Suas personagens mais conhecidas são: Emília, uma boneca de pano com sentimento e idéias independentes; Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança; Visconde de Sabugosa, a sabia espiga de milho que tem atitudes de adulto, Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio, Saci Pererê e outras personagens que fazem parte da inesquecível obra: O Sítio do Pica-Pau Amarelo, que até hoje encanta muitas crianças e adultos.

Tatiana Belink – Publicou livros em prosa e versos, além de traduções, adaptações e recontagens. Colaborou na TV Cultura e em importantes jornais como crítica de literatura infantil e juvenil e de teatro. Recebeu inúmeros prêmios, entre eles: Mérito Educacional e Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro; dois Monteiro Lobato de Tradução da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Foi, ainda, premiada em 1979 pelos 30 anos de atividades em Teatro e Literatura Infanto-Juvenil pela Associação Paulista de Críticos de Arte (BIOGRAFIA, 2016).

Cecília Meireles – Foi uma poetisa, professora e jornalista brasileira.

Eva Furnari – dedicou-se inicialmente a livros com ilustrações, sem texto. Colaborando com a Folhinha, suplemento infantil do jornal paulistano Folha de S. Paulo, criou sua personagem mais famosa: a Bruxinha. Como autora infanto-juvenil e como ilustradora recebeu o Prêmio Jabuti, nos anos de 1986, 1991, 1993, 1995, 1998 e 2006. Em 2002 foi escolhida para ilustrar a reedição de seis livros da obra infantil de Érico Veríssimo. A obra de Furnari, composta essencialmente de pequenos livros, é uma das mais profícuas na Literatura infantil brasileira atual. Como a própria autora revelou, numa entrevista, a ilustração precedeu a produção literária - mas foi nesta última que veio efetivamente a se destacar. Agora completando 62 anos pretende não parar nunca de escrever (BIOGRAFIA, 2016)

Ana Maria Machado – Já foi professora, jornalista, fez programas de rádio e deixou tudo para viver só de Literatura Infanto-Juvenil. Escreveu mais de cem histórias para crianças e jovens, pelas quais recebeu um importante prêmio internacional – a Medalha Hans Christian Andersen – dado pela Organização Internacional do Livro para Crianças e Jovens (IBBY), além das principais premiações nacionais. Recentemente, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Também publicou alguns romances para o público adulto. Em sua obra é visível a preocupação com as questões existenciais, a identidade dos povos latino-americanos (“De Olho nas Penas”) e brasileiro, os ritos de passagem (“Bem do seu Tamanho”), entre outras questões (BIOGRAFIA, 2016)

Ruth Rocha – Escritora com 130 livros publicados para o público infanto-juvenil e 10 milhões de exemplares vendidos, sendo 2 milhões no exterior.

Pedro Bandeira - Se destacou com a obra “A Droga da Obediência”. Recebeu, entre outro, o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do livro. Autor de Literatura Juvenil mais vendido no Brasil e, como especialista em técnicas especiais de leitura. Já escreveu mais de 50 livros, entre eles a série “Os Karas”, “A marca de uma lágrima”, “Agora estou sozinha...”, “A hora da verdade” e “Prova de Fogo”.

Elias José – É professor de literatura e sempre trabalhou com textos literários, seus ou alheios. Começou a escrever muito cedo, no colegial, fazendo jornal de escola. Hoje, são mais de cem livros, para adultos, jovens e crianças. Muitos foram premiados, e alguns de seus contos e poemas traduzidos e publicados no exterior.

Mary França – Conhecidos pela autoria da Coleção Gato e Rato, dedicada especialmente à criança que está sendo alfabetizada. Mary França estreou na literatura infantil em 1973, com o livro “O menino que voa”. Em 1978, já em parceria com Eliardo, publicou os primeiros livros da Coleção Gato e Rato, cujo texto vivo e lúdico e as belíssimas ilustrações já encantaram milhares de crianças brasileiras e estrangeiras.

Jorge Amado – Autor mais adaptado da televisão brasileira, verdadeiros sucessos como Tieta, Gabriela e Tereza Batista são criações suas, além de Dona Flor e Seus Dois Maridos.

Bia Bedran – Compositora, cantora, atriz e educadora musical brasileira.

Ziraldo – Cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista e jornalista brasileiro. É o criador de personagens famosos, como o Menino Maluquinho, e, atualmente, um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil.

Maria Clara Machado – Escritora e dramaturga brasileira, autora de famosas peças infantis. Fundadora do Tablado, escola de teatro do Rio de Janeiro.

Para realização desse estudo utilizei-me de pesquisa bibliográfica, para buscar informações junto a literatura nacional sobre estudos, pesquisas e documentos que já foram realizados sobre o assunto através de Documento ou documentação bem como, toda base de conhecimento material e suscetível de ser utilizada para consulta sobre o assunto proposto nesse estudo. Para tanto, utilizei-me de Banco de Dados científicos, bibliotecas Virtuais, Bibliotecas físicas e acervos virtuais e físicos, que contém informações ou dados relacionados ao tema de referida pesquisa. Também utilizarei pesquisa exploratória, para me aprofundar no conhecimento sobre o assunto trabalhado, buscando informações junto a um público potencial, que possa responder meus questionamentos acerca do assunto e que me deem suporte para fazer as análises e avaliações necessárias para conclusão dessa pesquisa e também para resgatar dados e informações em relação ao assunto trabalhado nesse estudo e por ser um tipo de pesquisa muito específica, ela assumirá a forma de um estudo de caso (GIL, 2008).

Também será necessária a pesquisa descritiva, para abranger o tema proposto de modo que os leitores e interessados nesse estudo possam compreender todo trabalho, desde a origem das informações até a aplicabilidade prática dos resultados obtidos, que conforme Gil (2008) possui como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência e a pesquisa explicativa, para experimentar as informações obtidas pela pesquisa bibliográfica e comparando-as com os dados obtidos através da pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008) tem como objetivo primordial identificar fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de fenômenos, sendo esta a que mais aprofunda ao conhecimento da realidade, e por isso mesmo, está fortemente calcada em métodos experimentais.

O QUE O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL GOSTA DE LER

Na tentativa de pesquisar sobre quais os principais assuntos que devem ser tratados em livros infanto-juvenis, notei que dificilmente existem estudos sobre esse assunto, então, optei por uma pesquisa exploratória, buscando em algumas livrarias e também em conversa com alguns pré-adolescentes, sobre o que lhes chama mais atenção para literatura nessa fase de suas vidas, quais os seus livros preferidos ou mais vendidos para pré-adolescentes. E as respostas obtidas refletiram o que diz os estudos de LYAN (2014) que os pré-adolescentes não gostam de livros cheios de figuras, que ao abrir aparecem cenários, letras grandes. Histórias ilustradas dessa forma, já não são mais atrativos para eles. Lyan (2014) destaca que livros com histórias mais voltadas para lendas, romances, dramas e até mesmo terror, são os preferidos desse público. Livros como: “A lenda dos

guardiões”, a que inspirou o filme de mesmo nome, que atende tanto o público feminino quanto o masculino.

Livros como da série “Nina Remy Superespia”, que conta a estória de Nina que não é como as outras garotas de sua idade, ao contrário é uma superespia e cada livro traz uma nova aventura. Série “Querido Diário Otário”, que trata sobre os dias de um adolescente, buscando retratar de maneira divertida o que os adolescentes passam nos dias atuais. E dentro das mesmas condições os livros da Série “Diário de um banana”.

Também livros como “O mistério da Casa Verde”, do escritor brasileiro Moacyr Scliar, uma adaptação do clássico “O Alienista” de Machado de Assis. “Ana Z. Aonde vai você?” da escritora infanto-juvenil brasileira Marina Colasanti que retrata uma aventura vivida pela personagem Ana, que a princípio pode parecer estranho, porém ao olhar mais atentamente e fazer uma análise vemos que ele traz questões sobre a pré-adolescência e entrada para a adolescência. Desta forma, observa-se que a maioria desses livros retrata as histórias de adolescentes, vivencias que fazem com que os leitores se identifiquem com os personagens e aprendam com eles.

INCENTIVOS A LITERATURA NO BRASIL

O Ministério da Cultura, nos últimos Anos, tem investido em eventos de incentivo a Leitura no Brasil. Em 2014 e em 2015, O Ministério da Cultura através da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) e da Secretaria do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), lançou editais para apoiar iniciativas de fomento à leitura e à produção literária. Investiu em torno de R\$6,6 milhões no evento que concedeu:

Prêmio boas práticas e inovação em bibliotecas públicas – que tem como objetivo Premiar e fomentar iniciativas reconhecidas como boas práticas, ou inovadoras, que vêm sendo aplicados em bibliotecas públicas e são voltadas para a qualificação dos serviços oferecidos e a sustentabilidade desses equipamentos culturais, bem como para difusão e compartilhamento das metodologias e das iniciativas premiadas no SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (ministério da cultura, 2015).

Prêmio leitura para todos: projetos sociais de leitura – Têm como objetivo Reconhecer e fomentar iniciativas da sociedade civil que realizam projetos sociais de fomento à leitura em espaços e contextos diversos, cujo histórico de atuação demonstrem resultados efetivos na formação de leitores, na inclusão social e construção da cidadania por meio do livro e da leitura (MINISTERIO DA CULTURA, 2015).

Bolsas de fomento à literatura – Têm como objetivo Promover e fomentar a literatura brasileira, por meio de concessão de bolsas de apoio ao desenvolvimento de

projetos voltados para a criação, a produção, a difusão, a formação e a pesquisa literária (MINISTERIO DA CULTURA, 2015).

Circuito nacional de feiras de livros e eventos literários – Tem como objetivo Apoiar a realização de feiras de livros e de eventos literários existentes no País voltados para o fomento da economia do livro, a promoção da leitura e difusão da literatura no âmbito do Calendário Nacional de Feiras de Livros e Eventos Literários. Além desse apoio, o Brasil tem investido na Literatura Fantástica, um evento que acontece todos os anos de Rio Grande do Sul que reúne escritores de todos os cantos do mundo, e que estimulam a literatura através do cinema.

LITERATURA INFANTO JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Apesar de o Brasil possuir uma gama significativa de bons autores, acredita-se que o que realmente falta na literatura brasileira, é um pouco mais de investimento em “publicidade”. Atualmente, os leitores, estão voltados para uma visão mais tecnológica. Os avanços da atualidade, a globalização e a mídia, tem feito com que o olhar das crianças e adolescentes, esteja voltado para a tecnologia. Um problema, que pode ser evitado, caso, haja um estímulo de maneira correta, para que esse público infanto-juvenil ganhe “gosto” pela leitura. Se observarmos a visão de Azevedo (2004 p. 4) entenderemos que os leitores:

[...] são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” _ científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras _ existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

Na visão de Azevedo é possível compreender o quanto a leitura é fundamental para o desenvolvimento de uma visão cidadã. Que mais do que tudo tem o objetivo de “manter em exercício, a língua como patrimônio coletivo” (ECO, 2003, p. 10). Conforme a escritora de livros infanto-juvenis Ruth Rocha, existe três categorias de crianças/adolescentes: os que se tornarão leitores naturalmente, sem que seja necessário nenhum esforço para levá-los a isso; os que não se tornarão leitores de jeito nenhum, por mais atraente que a leitura se apresente a eles; e aqueles que se tornarão leitores se forem adequadamente estimulados. No entanto, acredita-se que a classe que precisa receber estímulo, depois de estimulada, pode render outros leitores. Esse estímulo há algum tempo atrás, era direcionado as crianças e adolescentes pelos próprios pais, no entanto,

chegou-se há um tempo, em que esse estímulo foi afetado pelas classes sociais e pela tecnologia.

Na visão de Azevedo, os textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não formam leitores (ZEVEDO, 2000). Houve um tempo em que o Ministério da Cultura incentivou muito a literatura nas escolas, possibilitando que todos tivessem acesso aos livros, inclusive possíveis leitores e famílias carentes. No entanto, não tiveram sucesso e não perduraram porque, por falta de preparo dos professores e mais ainda, por negligência da gestão destas ações, “acabaram transformando o que deveria ser uma prática literária intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária” (AZEVEDO, 2000). Azevedo comenta ainda em seu estudo que a maioria dos professores não transmite o gosto pela leitura aos seus alunos, porque não tem o hábito de ler. Porque não gosta da leitura, então, como transmitirá algo que não é capaz de viver?

Ou seja, o próprio professor transmite aos alunos a leitura como uma obrigação, e não como um prazer. A leitura precisa ser prazerosa, algo que os alunos gostem. Algo que os estimulem a ler. Tratar a literatura em sala de aula, como uma obrigação, afasta os alunos do objetivo principal e não forma leitores, forma apenas alunos aborrecidos e desmotivados a ler. Na verdade, infelizmente, a literatura voltou-se para algo comercial. Se não houver publicidade, não haverá venda e não haverá leitores. No final do século XIX a escola impulsiona as produções literárias infantis, garantindo a circulação destas obras e divulgando os projetos educacionais do governo e ideologias dominantes (CURIA, 2012). Infelizmente no Brasil, vivemos uma crise literária onde somente é buscado o recurso de ler, quando o “possível leitor” tem a necessidade da leitura.

“Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população” (FERNANDES, 2007 p. 10)

No entanto, o objetivo que deveria ser “formar leitores” acaba sendo um problema para as escolas. Já que essa meta está diretamente ligada à escolarização. No entanto, sem que haja um meio de estimular esses alunos a ler, de maneira prazerosa, ficará difícil alcançar esse objetivo. E na visão de Curia (2012) o único meio de mudar essa realidade é seguindo o gosto do aluno. “O professor precisa partir do clássico do aluno, fomentar aquele gosto e mostrar toda a sua sensibilidade no querer fazer aquela prática, no querer formar o aluno leitor” (CURIA, 2012 p. 9). Pois a realidade da nossa literatura somente mudará quando os alunos encontrarem na escola o caminho para “gostar de ler” e nas prateleiras os livros que eles gostem de ler.

CONCLUSÃO

Conclui-se através desse estudo que a literatura infantil, devido ser considerada a base de preconceitos e banalizações, não é reconhecida e utilizada de maneira correta. Quando acontecer algo contrário a essa realidade, e a literatura for vivenciada da maneira correta, considerando o ambiente dentro e fora da escola, com certeza haverá uma ferramenta eficiente no auxílio a familiarização com a literatura infanto-juvenil em benefício do reconhecimento e do respeito que a literatura em questão merece receber. É importante que para isso o estado venha a contribuir incluindo no currículo obrigatório dos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia, uma disciplina que compreenda apenas a literatura, no ensino fundamental, uma vez que é exatamente para esse público que esse gênero é produzido. Além disso, é importante considerar que o professor semeia, cultiva e realmente trabalha para fazer brotar em cada um de seus alunos o gosto e a competência ou habilidade significativa para a leitura e escrita. Como profissional ele deve demonstrar sua função social, através da leitura do mundo, construindo através do incentivo literário um meio de os alunos conquistarem interpretações que favoreçam na transformação da realidade.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Ricardo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. Palestra feita no I Salão do Livro - Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa da Secretarias de Cultura do Município e do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte - 15 de Agosto de 2000. Mesa Redonda sobre Literatura Infantil. Publicada na Revista Releitura. Nº 15. Belo Horizonte. Biblioteca Infantil de Belo Horizonte. Abril de 2001.
- _____. Artigo publicado em SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação o leitor. São Paulo, DCL, 2004.
- BAYARD, Pierre. Como falar dos livros que não lemos?. Tradução Rejane Janowitz, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007
- BIOGRAFIA, Ruth Rocha. <http://www.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235 - 263.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. Ensinar a ler, ensinar a compreender. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8 -15.
- CURIA, Denise Fonseca dos Santos. A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. Revista Thema | 2012
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. Leitura, literatura infantojuvenil e educação. Londrina: EDUEL, 2007.

Língua, Literatura e Ensino, Dezembro/2015 – Vol. XII

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. vol. 1. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINISTERIO DA CULTURA – Disponível em: <http://http://www.cultura.gov.br/inicio>

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, María Elena. Escola, leitura e produção de textos. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROCHA, Ruth. Entrevista publicada em <http://www.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>

SODRÉ, Muniz. Best-seller: a literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.